

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

UM POUCO DO MUNDO CABE NAS MÃOS: GEOGRAFIZANDO EM EDUCAÇÃO O LOCAL E O GLOBAL

Cristiane Vieira Medeiros Christ
Boletim Gaúcho de Geografia, 29: 109-113, jan., 2003.

Versão online disponível em:
<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38748/26257>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos
UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - jan, 2003

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

Um pouco do mundo cabe nas mãos: geografizando em educação o local e o global

*Cristiane Vieira Medeiros Christ**

O livro "Um pouco do mundo cabe nas mãos: geografizando em educação o local e o global" (Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, 310 p.) é uma leitura que permite reflexões sobre a prática pedagógica existente nas nossas salas de aula e a possibilidade de se ressignificar essa prática através de uma nova concepção de geografia. Sobretudo mostra como é possível ser agente de transformação reflexivo e comprometido com o local em que se vive e o global em que se acredita. Os textos que apresenta abordam e explicitam tentativas de contextualização das escolas com suas comunidades e uma prática de promoção da integração do indivíduo com a sociedade e a natureza.

O primeiro tema abordado, "Geografizando Lugares: Transitando por diferentes ambiências" por Cláudia Pires, Heloisa Lindau e Milton Rodrigues, nos faz pensar sobre a importância de se envolver as comunidades nas práticas pedagógicas escolares. Consiste no relato de uma experiência, pautada principalmente na importância fundamental da Educação Ambiental como uma possibilidade de ação transformadora se estiver baseada numa proposta integradora, totalizante e reflexiva que parta da relação dos alunos com o seu ambiente, seu local.

Em "Educação popular em Porto Alegre, geografia e cidadania", Carlos Aigner relata a reorganização pelas quais passaram as escolas municipais de Porto Alegre numa perspectiva de aproximar as práticas pedagógicas da realidade social de

* Pedagoga e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia – UFRGS.

BOLETIM GAÚCHO DE GEOGRAFIA	PORTO ALEGRE	Vol. 29	Nº 1	P. 109-113	JAN-JUN. 2003
--------------------------------	--------------	---------	------	------------	---------------

suas respectivas comunidades. A importância da participação da comunidade escolar nas decisões político-pedagógicas da escola é ressaltada, pois, se sentindo sujeito do processo educacional a comunidade torna-se uma agente de transformação em potencial e dessa forma se constrói uma escola que acredita e valoriza a pessoa, voltada para a qualificação do cidadão ético, autônomo e solidário.

O texto de Helena Callai, "Do ensinar geografia ao produzir o pensamento geográfico", leva-nos a refletir sobre a ação do professor de geografia como um mediador de diálogos e construtor de novos significados para a geografia. Ela enfatiza o compromisso do professor de geografia em permitir e contribuir para que o aluno compreenda a sua realidade social e as relações que estabelece com a sociedade, reconhecendo as questões locais, que fazem parte da sua vida. O desafio lançado é fazer com que a geografia possibilite a construção da cidadania através do estudo do espaço e das relações que estabelecemos com a natureza, com as pessoas como grupo, com as questões econômicas, políticas e culturais que sofremos.

A seguir o texto "Hércules, Sisifo, Atlas eram professores? Garrafas e muitas dúvidas mais na formação de professores", bastante reflexivo, nos fala sobre crenças e algumas concepções que os professores têm ao lecionar. Também a ação pedagógica dos professores é repensada com base nos referenciais construtivistas. Nestor Kaercher relata a angústia que o professor passa por lidar com a formação de pessoas, por trabalhar a construção de conhecimentos e identidades tendo sempre que respeitar o que o outro – o aluno –, já tem como bagagem. Ele faz um paralelo muito interessante da docência e da geografia com a mitologia grega e, sobretudo nos fala da importância do professor em avançar no processo ensino-aprendizagem com muito comprometimento, reflexão e trabalho em conjunto com outros professores.

"Ensino de Geografia — Uma experiência possível", relata o trabalho desenvolvido por Antonio Carlos Castrogiovanni e Eraldo Fortini. A experiência permite refletir sobre uma ação pedagógica que o professor de geografia pode desenvolver dentro de conteúdos pré-determinados pelo currículo escolar. Após observações, os professores iniciam a prática planejada e, então, percebem a dificuldade dos alunos em pensar, questionar e refletir acerca de um assunto. Ao trabalhar sob uma perspectiva mais desafiadora e de questionamentos, objetiva-se o desenvolvimento de sua autonomia, autoconfiança e criticidade. O trabalho mostrou que o posicionamento do professor dentro de uma escola deve ser o de promover o aluno dentro do processo educacional e de oportunizar que ele exerça seu papel social na escola.

Jussara Sommer, em "Formas lúdicas para trabalhar conceitos de orientação espacial: algumas reflexões", também nos remetem à importância de aproveitar

a vivência do aluno para que as aulas dos professores tomem-se prazerosas e realmente construtivas. Incorporar atividades concretas às aulas de orientação espacial torna muito mais fácil a construção de conceitos nas aulas de geografia. Fundamentalmente essa experiência nos faz acreditar que o conhecimento construído a partir do aluno proporciona a ele uma capacidade de se sentir parte integrante da sociedade.

"Como a ambiência reflete na construção de maquetes", por Roselane Costella, é um relato que busca analisar a forma de interpretar e representar o espaço em duas escolas de Porto Alegre com realidades social e econômica bastante distintas. As diferenças de "leituras de mundo" que os alunos dessas escolas possuem é uma das observações realizadas por essa autora. O trabalho de construção de maquetes propiciou a percepção de como os alunos percebem seu espaço e de como é importante que os currículos priorizem oficinas e conteúdos realmente indispensáveis à construção e compreensão do espaço no qual os alunos vivem.

Em "Dinâmica cotidiana da construção do espaço geográfico", Ana Elisa Fontoura apresenta uma atividade desenvolvida numa turma de Jovens e Adultos em Porto Alegre, que tem como principal objetivo fazer com que os alunos percebam a dinâmica da construção do espaço geográfico. Através da leitura do texto "espaço e luta: O amargo mel de Campos" desencadeou-se um trabalho de percepção do espaço geográfico em constante construção e reconstrução. Os alunos construíram textos que relatavam e descreviam as situações vivenciadas por eles, não só na sua localidade, mas, em sobre realidades bem distantes, como da favela da Rocinha.

O texto de Lígia Goulart: "Pensando a geografia como possibilidade de transversalizar o conhecimento: o projeto de trabalho" relata o desenvolvimento de uma proposta baseada na ressignificação da prática dos professores do Colégio Aplicação, em especial a sua prática como professora de geografia. Por meio de um trabalho interdisciplinar conseguiram criar espaços de aprendizagem, tanto para eles quanto para os alunos, com mais interesse e satisfação. A metodologia utilizada foi a de projetos, que propõe olhares diferenciados sobre aprender e ensinar e ainda tem por objetivo preparar os alunos para refletir sobre os desafios que a sociedade apresenta.

"Mudar o professor, mudar a escola: uma experiência com projetos em Língua Portuguesa" por Liège Westermann é um texto que nos faz repensar nosso papel como professor, principalmente nos faz refletir sobre a importância de realizar experiências de aprendizagem partindo dos interesses dos alunos, das suas necessidades, por isso o trabalho com projetos, onde suas produções sejam valorizadas, suas potencialidades desenvolvidas, de forma a se perceberem como agentes de construção dos seus próprios conhecimentos.

Em "Educação para o trabalho solidário: alternativas para o desemprego e educação", Helena Velazquez e Giovana de Oliveira relatam a experiência de proporcionar reflexões acerca da possibilidade da escola ser transformadora. Elas desenvolvem o texto a partir de uma discussão sobre uma economia solidária (teoria), depois relatam o trabalho desenvolvido voltando aos interesses da comunidade e a vocação do bairro. Tomando por referência o trabalho em uma horta, vários conceitos são trabalhados por meio da interdisciplinaridade. Trazem reflexões sobre o fazer pedagógico, a possibilidade de fazer o aluno refletir sobre alternativas de "encarar a vida" e procuram elucidar a idéia do que seja uma escola transformadora.

Em "Itinerância e formação socioespacial: as dimensões formativa e estética da experiência na pesquisa educacional", Ana Cristina da Natividade relata o projeto de pesquisa que inicia com a exposição de alguns princípios sobre a formação educacional, as estratégias e práticas realizadas e faz reflexão sobre o processo de formação e cognição do docente. A pesquisa teve como base observações e entrevistas realizadas no Acampamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, no município de Viamão.

Em "O movimento Hip Hop no bairro Restinga: da prática profissional à descrição fenomenológica", Gisele Lattano primeiro descreve o Movimento Hip Hop identificando nele quatro áreas de expressão: escrita, musical, corporal e plástica. Relata como desenvolveu um trabalho de maneira que partisse da vivência do aluno e da comunidade, já que estava engajada numa proposta de educação popular e construtivista com jovens e adultos. Encaminhou a pesquisa baseada na prática diferenciada na sala de aula e na busca de diálogos com os jovens envolvidos no movimento Hip Hop. Conclui sobre a possibilidade de, por meio de ações locais, construir com os jovens uma perspectiva mais abrangente de modos de vidas no seu meio social.

Em "Ou mato ou mono (ou floresta ou capoeira.): reflexões e práticas de educação ambiental no sul da mata Atlântica", Cláudia Schirmer e Cristina Baldauf relatam o trabalho com educação ambiental desenvolvido na Escola Estadual de Ensino Fundamental Hilário Ribeiro. A partir da contextualização da localidade as autoras expõem o paradoxo que se encontram os moradores de Maquiné: a terra onde tiram seu sustento, de geração a geração, não é só deles, pertence ao mundo! Baseadas neste fato, as professoras desenvolvem o trabalho ambiental propondo-se como intermediadoras do local e global (preservação dos recursos naturais e a atividade econômica entre a pretensão e a ação). Construíram com os alunos um conhecimento do mundo que os cerca para então interagirem com a realidade sociocultural e ambiental.

O livro encerra com o tema "O ensino de Geografia como uma hermenêutica instauradora". Trata-se de um diálogo entre os professores Nelson Rego, Dirce

Suertegaray e Álvaro Heidrich. Tem como objeto principal a reflexão sobre a prático-teórica das experiências que estão sendo desenvolvidas nos cursos de graduação e pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e também junto a Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre. Nelson Rego faz uma breve reflexão sobre o conceito de hermenêutica, como sendo uma leitura interpretativa composta por um sistema de inter-relações conceituais. Em seguida fala sobre hermenêuticas arqueológicas e instauradoras, definindo a primeira como uma análise do que já aconteceu, baseada nos símbolos/resultados que foram produzidos enquanto a hermenêutica instauradora seria uma visão do futuro, pegaria os resultados/símbolos e os tomaria como ponto de partida para uma interpretação, enfatizaria um "a seguir" esboçado nos símbolos/resultados. Após essas reflexões Rego situa a geografia como uma hermenêutica instauradora tanto quanto arqueológica/tradicional. Mostra-nos que a geografia é uma ciência que interpreta o espaço geográfico relacionando conceitos e fatos, sejam globais ou locais, constrói um conhecimento que se amplia de forma articulada, ou seja: a partir das necessidades locais dos alunos os conteúdos e as disciplinas vão sendo trabalhados e estes irão conduzir para questões mais amplas. Em seguida o professor Álvaro Heidrich reflete sobre a geografia fazendo uma leitura do mundo, buscando compreender as representações que estabelecemos com o mesmo. Também expõe sobre a alfabetização do indivíduo em geografia e como o professor de geografia precisa trabalhar de forma a reconstruir relações no e com o mundo. Dirce Suertegaray analisa as práticas de intervenção que a hermenêutica propõe tanto como possibilidade de leitura quanto perspectiva para se ensinar geografia. Em seguida há uma discussão de idéias dos três autores sobre as práticas de ensino de geografia que estão sendo desenvolvidas por alguns profissionais como hermenêutica instauradora.

A riqueza das reflexões e as experiências descritas neste livro nos remetem a uma importante questão: a geografia não é mais a mesma, apresenta possibilidades de interpretar dialogar e com o mundo local e global, reinventa o espaço social, mostra que é possível uma escola baseada na construção do conhecimento crítico, transformador e solidário. Esta leitura é ponto de partida para os profissionais que estão envolvidos e engajados em práticas transformadoras e comprometidas com uma educação que perpassa as quatro paredes da sala de aula e se compromete com a promoção do ser humano, baseando-se sempre em princípios que estimulem a cidadania, a solidariedade, a autonomia e a liberdade.